



Crónicas dum Novo Tempo - LXVIII

Saudar a água

Seremos nós seres de água?

Quando há dias atrás choveu copiosamente após dias e dias de calor, com o verão a entrar pelo Outono dentro, ouvi algumas pessoas que caminhavam pelas ruas, molhadas, comentando:

- Até que enfim!... finalmente chegou a água. Não gostamos da chuva, mas que ela faz falta, realmente faz.

Porque será que nós temos este comportamento perante a água? Não a desejamos, mas sentimos que ela é vital para a nossa vida.

Os seres humanos actualmente não dão importância à água. Talvez porque ela flui das torneiras, sem esforço, como se bastasse pensar que a desejamos, e ela aí está para nos servir.

Mas afinal o que é a água? O que representa a água?

A água é a matriz da vida. A água representa a matéria cósmica primordial. Ela é o símbolo da matéria universal, a partir da qual o Universo foi criado. No Livro do Génesis, que começa com o relato da criação do mundo, Moisés escreveu uma frase penetrante sobre a qual devemos reflectir: "E o espírito de Deus movia-se acima das águas..." A nossa reflexão incide sobre o motivo de a Fonte de tudo o que é, se mover sobre as águas. Porque a água representa a matéria cósmica original, que o espírito de Deus penetrou para fertilizar.

A água é a matéria-prima que recebeu os germes fertilizadores da Fonte. A vida saiu da água. A molécula da água contém, assim, a essência da vida.

O Mestre Omraam Aivanhov, filósofo e pedagogo francês de origem búlgara, numa conferência improvisada em Paris afirmou que "... a água é o fluido vital da Terra. Tal como o sangue, a água é um elemento precioso e indispensável que traz vida, que alimenta todas as criaturas: as pedras, as plantas, os animais, os homens..."

Mas o homem não valoriza a água. Utiliza-a nas tarefas diárias, ignorando-a, como se fosse um elemento sem valor. Utiliza-a para cozinhar os alimentos, para se lavar, para beber, para lavar a louça e a roupa, para tomar banho, para regar... enfim todos os dias nas mais variadas tarefas, mas é insensível à sua importância essencial na sua sobrevivência.

Devemos respeitar a água, como um dos elementos essenciais. Devemos entrar em contacto com ela, falar com ela, e ligarmo-nos a ela.

A molécula da água, quando pura, é de uma beleza geométrica fascinante. A água é uma substância bastante maleável, possui qualidades plásticas e absorventes sobre todas as formas da natureza. A sua forma física adapta-se facilmente a qualquer ambiente. Mas a sua aparência física não é a única coisa que muda quando em contacto com as formas onde a colocam, a sua fórmula molecular também se altera quando as energias e vibrações do meio ambiente se alteram.

O investigador japonês Masaru Emoto levou a cabo uma série de experiências mostrando-nos como a água tem a capacidade de reflectir visualmente o meio ambiente a nível molecular. Os seus trabalhos levaram-no a publicar o livro "A MENSAGEM DA ÁGUA", onde mostra, através de fotografias, as alterações que as moléculas da água sofrem perante determinados sons de amor, de ódio, de música clássica, de raiva, de medo... Emoto colocou água entre dois altofalantes que emitiam sons diferentes. Passado algum tempo congelou porções dessas águas, e fotografou os seus cristais. A água sujeita ao som de uma oração, de palavras de amor, de música clássica, apresentavam cristais que pareciam jóias perfeitas, símbolos geométricos harmoniosos. A água sujeita a palavras de ódio, violência, música ruidosa, apresentava os seus cristais distorcidos, assimétricos e horrendos.

Devemos lembrar-nos que a constituição do nosso corpo, assim como do nosso planeta, contém 70% de água.

Neste novo tempo devemos apreciar a água. Quando nos alimentamos de água, quando ingerimos um simples copo de água, quando nos banhamos nela, devemos saudá-la e falar com ela com amor, identificarmo-nos com ela, e sentirmos que quando a ingerimos todo o nosso ser se impregna de um fluido subtil, vital e harmonioso. Imaginarmos que também temos aquela transparência e limpidez. Lentamente ela deixará de ser para nós um simples líquido incolor e insignificante, para passar a ser o elemento vital da vida da qual a nossa alma se alimenta.

José Augusto Rodrigues

N. R. - José Augusto Rodrigues assina a rubrica "Crónicas dum Novo Tempo" todas as terceiras sextas-feiras de cada mês.



O Encontro Nacional de Entidades Gestoras de Água e Saneamento (ENEG 2011) vai realizar-se este ano em Santarém, no CNEMA, decorrendo nos dias 22, 23 e 24 de Novembro.

A Comissão Organizadora do ENEG 2011 será presidida por Ascenso Pires e Marina Ladeiras, Arménio de Figueiredo, Pedro Clemente dos Reis, Nuno Victorino, Nelson Geada (em representação do Conselho Directivo da APDA), Paulo Rodrigues e Ana Antão (Secretária-Técnica).

O evento, organizado bi-anualmente pela Associação Portuguesa de Distribuição e Drenagem de Águas (APDA), há muito se constituiu como uma referência obrigatória para todos os

que se movimentam no sector das águas em Portugal, sejam entidades gestoras, prestadores de serviços e outras instituições que operem neste domínio.

No programa técnico deste grande congresso, destaca-se a apresentação de comunicações, as mesas redondas e um conjunto de outras iniciativas destinadas à análise e debate em torno dos principais temas do sector.

No encontro, para além das questões económicas vai ser debatida a implementação do Plano Estratégico de Abastecimento de Água e Saneamento Águas Residuais (PEAASAR), cuja abrangência temporal terminará daqui a dois anos.

Tendo em conta a diver-

sidade de entidades gestoras integradas no sector da água e saneamento, outro aspecto do discussão será dedicado à gestão quotidiana das entidades de pequena dimensão.

O ENEG 2011 constitui-se assim com um palco de excelência para a partilha de conhecimentos, experiências e boas práticas.

Integrado neste encontro, a Associação Portuguesa de Distribuição e Drenagem de Águas (APDA) promove mais uma edição do Pipe Contest - Portugal 2011 - Campeonato Nacional de Montagem de Ramais em Carga.

Trata-se de uma iniciativa técnica, com forte componente lúdica, motivada pela intenção de criar um espaço de convívio e união

inter-empresas, fomentando a competitividade saudável entre todos os concorrentes. A entidade parceira nesta iniciativa é a Saint-Gobain PAM Portugal.

No âmbito do ENEG, a APDA atribuirá, pela quinta vez, os Prémios APDA - Tubos de Ouro. Estes galardões envolvem as seguintes temáticas: Melhor sítio na internet; Melhor informação sobre qualidade da água e Melhores acções de educação ambiental.

A sessão de abertura contará com a presença da ministra da Agricultura, Mar, Ambiente e Ordenamento do Território, Assunção Cristas, enquanto Jaime Melo Baptista, presidente da Entidade Reguladora, estará responsável pelo discurso de encerramento.

Entidades gestoras debatem desafios do sector da água

Santarém é a cidade anfitriã do Encontro Nacional de Entidades Gestoras de Água e Saneamento – ENEG 2011. Nos dias 22, 23 e 24 de Novembro, o Centro Nacional de Exposições e Mercados Agrícolas é palco do mais importante evento do sector, que acontece numa altura de forte pressão sobre a economia nacional.

Assim, questões como os sistemas tarifários e os modelos de gestão dos serviços de águas estarão em cima da mesa deste encontro bianual, promovido pela Associação Portuguesa de Distribuição e Drenagem de Águas (APDA), cuja comissão organizadora, presidida por Ascenso Pires, integra Marina Ladeiras, directora-geral da empresa Águas de Santarém.



Marina Ladeiras, directora-geral da empresa Águas de Santarém

Correio do Ribatejo: É a primeira vez que o ENEG se realiza fora de Lisboa. O que podemos esperar deste encontro?

Marina Ladeiras: Esta é, realmente, a primeira vez que este encontro se é feito fora da capital e isto é um facto que nos orgulha. Lançámos o desafio para que fosse realizado em Santarém, o que foi aceite. Contamos com inúmeros parceiros do concelho como a Bijou, a Caminhos do Ribatejo, a APRODER e o Hotel de Santarém para levar a bom porto o evento que, à semelhança das edições anteriores, será certamente um momento de reflexão e de partilha de conhecimentos. Ao longo de três dias, pessoas e entidades ligadas ao ambiente, e em particular aos sectores da água e do saneamento, vão estar na cidade a falar, a pensar, a reflectir, a dar as suas opiniões, a fazer balanços e a avaliar o que o sector tem de bom e de menos bom, e o que falta ainda fazer.

CR: Na sua opinião, o que falta então fazer?

ML: Se tomarmos Santarém como exemplo, faltam concretizar ainda vários investimentos ao nível do saneamento. É aqui que o sector menos evoluiu e há muito trabalho a realizar, nomeadamente ao nível das infra-estruturas. O concelho é um dos vários casos que existem no país.

Ao nível do abastecimento de água eu diria que houve um desenvolvimento mais rápido e hoje, a universalidade do serviço é uma realidade, quer ao nível da disponibilização, quer sob o ponto de vista das taxas de cobertura e da qualidade da água. Hoje,

praticamente todas as famílias podem efectivamente “beber água da torneira” sem qualquer tipo de preocupação.

CR: Na sua óptica, quais são os principais desafios que o sector enfrenta?

A fragilidade, na minha perspectiva situa-se na fraca percepção pela população do valor da água. É relativamente ao serviço de saneamento a taxa de disponibilização está ainda abaixo das metas havendo, por isso, ainda muito caminho a trilhar, embora o momento não seja o mais propício para a realização de investimentos de capital intensivo para um retorno de longo prazo.

CR: Apesar disso, a Águas de Santarém tem feito investimentos avultados na rede de saneamento. É uma estratégia para continuar?

ML: Seguramente nos próximos dois a três anos, a empresa vai continuar a investir na rede. Recentemente entraram em funcionamento três novas ETAR, temos outra quase finalizada - a de Alcanede - para além do equipamento do Vale de Santarém que está com um nível de realização bastante elevado, devendo estar pronta no primeiro trimestre de 2012.

CR: O sector em Santarém está de boa saúde?

ML: No que se refere ao abastecimento de água, é indiscutível que está muito bem, quer em termos de qualidade, quer em termos de disponibilização - temos uma cobertura de praticamente 99 por cento. Neste plano, estamos a trabalhar ao nível de melhorias na

rede com o objectivo de a tornarmos mais eficiente, de forma a reduzir perdas e atingir os padrões recomendáveis.

A rede é muito antiga, e não é possível requalificá-la totalmente em três ou quatro anos. Neste momento, temos um conhecimento muito preciso de toda a infra-estrutura de rede e temos em curso intervenções prioritárias. Isto, para além da modernização do parque de contadores para que a medição seja feita com rigor e no estrito cumprimento das recomendações legais.

CR: Em Santarém, os consumidores estão desportos para o uso eficiente da água?

ML: Penso que sim, uma vez que, inclusive, têm vindo a demonstrar preocupações sobre a temática. Nota-se muito ao nível do consumo *per capita*, que tem vindo a reduzir, o que é importante. A água é um bem escasso e essencial à nossa vida e temos que o saber usar da melhor forma possível. Temos feito algumas campanhas de sensibilização, dirigidas sobretudo a crianças em idade escolar, porque acreditamos que é por aí que o nosso trabalho tem de começar.

CR: A ministra da Agricultura, do Mar, do Ambiente e do Ordenamento

“Sendo a água um bem essencial, terá de fazer parte das nossas prioridades, e temos de entender que se não a tivermos, será uma situação muito drástica. Logo, há que saber valorizar a água. Eu não defendo que, pelo facto de ser um bem essencial à vida, tenha de ser gratuito. Cada cidadão tem de saber atribuir o valor ao facto de ter água de qualidade a correr na torneira”.

do Território vai presidir à sessão de abertura do ENEG 2011. Que preocupações antevê que lhe sejam transmitidas?

ML: As questões do ambiente são em si uma fragilidade do momento actual pela grave crise que enfrentamos, mas podem também ser uma oportunidade.

Mudou o Governo e, certamente, surgirão novas linhas orientadoras. Vamos estar atentos e disponíveis para colaborar naquilo que nos for possível. Esta é uma temática complexa, principalmente quando pensamos nas questões tarifárias e nos desequilíbrios que existem, para além dos diferentes

modelos de gestão que também têm de ser equacionados. Está na hora de fazermos bem e de dar no nosso contributo para racionalizar a gestão de forma a conseguirmos atingir os padrões e níveis de qualidade que são essenciais nesta área.

CR: Defende uma uniformização de tarifas de água e saneamento aplicadas pelas diversas Entidades Gestoras?

ML: Eu penso que os tarifários deverão ter sempre em conta a realidade local. Mas terão de ser pensados, primeiramente, em algo que já está legislado há muito tempo: a tarifa aplicada tem de cobrir os custos de acti-

vidade.

Portanto, primeiro, temos de saber os custos reais, e a partir daqui, avaliar qual é a tarifa que cobre estes custos. Depois, se esse valor for incomportável para a população, deverá avançar-se com medidas adequadas para os nivelar. Reforço, no entanto, que a avaliação da estrutura de custos deve estar sempre na base.

CR: Na actual conjuntura de dificuldades económicas, há famílias a deixar de pagar a factura da água?

ML: Desde 2009, temos uma diferenciação de tarifário para minimizar o impacto da factura nas famílias numerosas e nas de menores rendimentos. Para além disso, sempre que surjam casos de incumprimento, são avaliados e, da nossa parte, há sempre uma disponibilidade para que se encontrem soluções.

Contudo, sendo a água um bem essencial, terá de fazer parte das nossas prioridades, e temos de entender que se não a tivermos, será uma situação muito drástica. Logo, há que saber valorizar a água. Eu não defendo que, pelo facto de ser um bem essencial à vida, tenha de ser gratuito. Cada cidadão tem de saber atribuir o valor ao facto de ter água de qualidade a correr na torneira.

Filipe Mendes